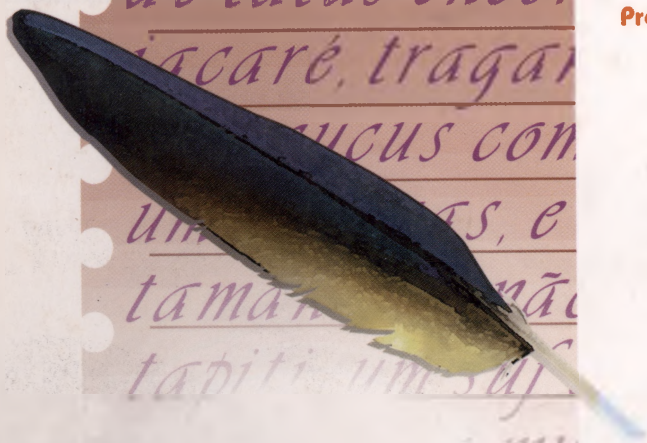


Série
Prometeu



O caderno de Policarpo Quaresma

*Pequena coleção de
vocábulos de origem
indígena, com significação*

N.Cham. 869.0(81)(03)=690 L732t.Zb

Autor: Bath, Sérgio

Título: O caderno de Policarpo Quaresma :



10083839

273142

Ex.6 BCE

0(81)(03)=690
2t.Zb

Protagonista do *Triste fim*, a obra mais conhecida de Lima Barreto, o major Policarpo Quaresma já foi apelidado de "o Dom Quixote nacional". Idealista fervoroso e incurável, visionário, estudava o tupi-guarani no livro de Montoya e preconizava a sua adoção como o idioma oficial do Brasil.

"Quaresma era antes de tudo brasileiro." É com essa motivação simples o herói do romancista carioca apresenta, com lógica ingênua, uma proposta obviamente inaceitável; e provoca ironia, ganhando fama de louco, ao afirmar: "o português é uma língua emprestada, devemos retomar a língua geral, falada originalmente na nossa terra, alçando-a à posição de língua oficial, como manifestação da nossa identidade".

De qualquer forma, a verdade é que a presença indígena na nossa linguagem é maior do que normalmente se crê. Até mesmo Antenor Nascentes, sempre tão competente, no *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, limita-se a registrar 23 palavras originárias do tupi. No entanto, nesta modesta e incompleta coletânea, temos mais de trezentos vocábulos de raiz indígena, a maioria procedente do tupi.

O CADERNO DE POLICARPO QUARESMA



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Reitor

Lauro Morhy

Vice-Reitor

Timothy Martin Mulholland

EDITORA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Diretor

Alexandre Lima

CONSELHO EDITORIAL

Presidente

Emanuel Araújo

Alexandre Lima

Álvaro Tamayo

Aryon Dall'Igna Rodrigues

Dourimar Nunes de Moura

Emanuel Araújo

Euridice Carvalho de Sardinha Ferro

Lúcio Benedito Reno Salomon

Marcel Auguste Dardenne

Sylvia Ficher

Vilma de Mendonça Figueiredo

Volnei Garrafa

Sérgio Bath

O caderno de Policarpo Quaresma

Pequena coleção de vocábulos de origem
indígena, com significação

Série
Prometeu

EDIÇÕES
Humanidades

Direitos exclusivos para esta edição:
EDITORA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
SCS Q.02 Bloco C N° 78 Ed. OK 2º andar
70300-500 Brasília DF
Fax: (061) 225-5611

Copyright © 1998 by Sérgio Bath

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Impresso no Brasil

SUPERVISÃO EDITORIAL

AIRTON LUGARINHO

PREPARAÇÃO DE ORIGINAIS E REVISÃO

WILMA GONÇALVES ROSAS SALTARELLI

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA

RAIMUNDA DIAS

CAPA

PAULO ANDRADE

SUPERVISÃO GRÁFICA

ELMANO RODRIGUES PINHEIRO

ISBN: 85-230-0504-8

Ficha catalográfica elaborada pela
Biblioteca Central da Universidade de Brasília

B331 Bath, Sérgio
O caderno de Policarpo Quaresma : pequena coleção de vocábulos de origem indígena, com significação / Sérgio Bath. — Brasília : Editora Universidade de Brasília, 1998.

84 p. — (Série Prometeu)

Edições Humanidades

1. Dicionários de termos indígenas. I. Título. II. Série.

CDU 809.8(03)=690

**“Os Ministérios da Cultura do Brasil,
Argentina, Paraguai e Uruguai decidiram
dar ao Guaraní *status* de língua histórica
do Mercosul.”**

notícia publicada pela
Folha de S. Paulo de
3 de agosto de 1995

... a língua é a mais alta manifestação da inteligência de um povo, é a sua criação mais viva e original; e, portanto, a emancipação política do país requer como complemento e consequência a sua emancipação idiomática. ... o tupi-guarani, língua originalíssima, aglutinante, é verdade, mas a que o polissintetismo dá múltiplas feições de riqueza, é a única capaz de traduzir as nossas belezas, de pôr-nos em relação com a nossa natureza e adaptar-se perfeitamente aos nossos órgãos vocais e cerebrais, por ser criação de povos que aqui viveram e ainda vivem, portanto possuidores da organização fisiológica e psicológica para que tenhamos, evitando-se, dessa, forma as estéreis controvérsias gramaticais, oriundas de uma difícil adaptação de uma língua de outra região à nossa organização cerebral e ao nosso aparelho vocal — controvérsias que tanto empecem o progresso da nossa cultura literária, científica e filosófica.

(extraído, com alguns grãos de sal, do memorial preparado pelo major Policarpo Quaresma, protagonista do *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto)

Prefácio

Protagonista do *Triste fim*, a obra mais conhecida de Lima Barreto, o major Policarpo Quaresma já foi apelidado de “o Dom Quixote nacional”. Idealista fervoroso e incurável, visionário, estudava o tupi-guarani no livro de Montoya (a obra clássica do século XVII, republicada por Varnhagen, em 1876, como *Arte y Diccionario de la Lengua Guaraní ó más bien Tupi*) e preconizava a sua adoção como o idioma oficial do Brasil.

Explica o autor: “Quaresma era antes de tudo brasileiro”. E com essa motivação simples — o impulso patriótico — o herói (melhor diríamos, anti-herói) do romancista carioca apresenta, com lógica ingênua, uma proposta obviamente inaceitável; e provoca ironia, ganhando fama de louco, ao afirmar: “o português é uma língua emprestada, devemos retomar a língua geral, falada originalmente na nossa terra, alçando-a à posição de língua oficial, como manifestação da nossa identidade”.

Mas nesse campo a lógica nem sempre é a melhor conselheira: aplicando-a à situação que exigia em seu lugar a prudência e, sobretudo, a malícia, o major estava destinado a um triste fim.

Aliás, o entusiasmo também pode dar maus conselhos, como é o caso do lingüista Faris Antônio S. Michaelle, que em *Tupi e grego*, um livrinho de 1973, se apóia em muitas autoridades para fundamentar uma afirmativa simpática, mas controvertida:

Jayme Cortesão, Manoel Bonfim, Capistrano de Abreu, Gustavo Barroso, Couto de Magalhães, Lemos Barbosa, Pedro Calmon, Sérgio Buarque de Holanda e o próprio José de Anchieta, além de dezenas de outros historiadores honestos, não se cansaram de afirmar que os tupis-guaranis tinham noção nítida da unidade do Brasil, sendo a sua língua falada, de Norte a Sul, em milhares de quilômetros. Aconteceu, depois, o inevitável, e a fala indígena foi substituída pela portuguesa, nos dois séculos e meio de colonização ...

Mais justa é a observação do padre A. Lemos Barbosa, no prefácio do seu *Curso de tupi antigo* (1956):

Adotada como língua geral ou comum por índios de outros grupos étnicos e lingüísticos, pelos próprios portugueses e, ao que parece, até por muitos negros, tornou-se [o tupi] laço de união entre os vários povos que formaram o Brasil e, destarte, contribuiu para fortalecer, na América Portuguesa, aquela unidade política que faltou à América Espanhola.

De qualquer forma, a verdade é que a presença indígena na nossa linguagem é maior do que normalmente se crê. Até mesmo Antenor Nascentes, sempre tão competente, no *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, limita-se a registrar 23 palavras originárias do tupi. No entanto, nesta modesta e incompleta coletânea, temos mais de trezentos vocábulos de raiz indígena, a maioria procedente do tupi.

Em memória de Policarpo Quaresma partilhamos com o leitor interessado o que poderia ser o seu caderno de notas: uma coleção de vocábulos e nomes de

origem nativa que permanecem vivos na nossa fala, na nossa onomástica e toponímia — nomes de pessoas e de lugares. Este não é um dicionário tupi, mas pequena coleção de palavras que ainda usamos, no português do Brasil e que derivam de falas indígenas. Concentramo-nos, naturalmente, nos vocábulos derivados do abanheenga, o tupi antigo, falado no Brasil nos séculos XV a XVII, ao lado do português. A falta de uma referência explícita significa que essa é a procedência da palavra; sempre que o termo tem outra origem, ela está indicada no verbete correspondente. Não houve o propósito de esgotar os nomes de plantas e animais, numerosíssimos, como sugerem estes versos de Alberto de Oliveira, em *O paraíba*:

Ó jacarandatás, ó maracanaíbas, Canjerunas e ipês, ubratans e braúnas !

O autor não é indigenista, nem está familiarizado com os idiomas nativos, mas quer demonstrar que, sem percebermos, todos falamos um pouco de tupi. Valeu-se de fontes secundárias, aplicando ao trabalho a experiência adquirida em outras pesquisas lexicográficas. Simples compilador, seus únicos méritos são a iniciativa do projeto e o trabalho “braçal” de reunir vocábulos.

A bibliografia registra as principais obras consultadas. Para os topônimos, as mais úteis foram *O tupi na geografia nacional*, de Teodoro Sampaio, e *Determinações indígenas na toponímia carioca*, de J. Romão da Silva, cuja contribuição excedeu em muito os limites geográficos do Rio de Janeiro. Algumas palavras de origem diferente foram acolhidas (*Pace Poli-*

carpo!), e para as de origem mexicana serviu o excelente *Diccionario de Aztequismos*, de Cecilio Robelo.

Como se sabe, o interesse etimológico tende a acender a imaginação, e muitas vezes os étimos propostos são meras hipóteses, faltando, nesse caso, a documentação necessária para aceitá-los com mais rigor. É o próprio Antenor Nascentes que cita ironicamente, a propósito, um certo cavalheiro de Aceilly: “*Alfana vient d’equus sans doute, / Mais il faut convenir aussi/ Qu’à venir de lá jusqu’ici/ Il a bien changé sur la route.*” Ou seja: “Não há dúvida de que *alfana* provém de *equuus*, mas é preciso admitir que para chegar até aqui, vindo de lá, precisou mudar muito no caminho.”

Da oralidade, o tupi antigo passou à grafia pelo esforço dos jesuítas portugueses que utilizaram o alfabeto do nosso vernáculo. Com o tempo, outras soluções ortográficas foram encontradas, e por isso não há uniformidade na escrita tupi. Fez-se aqui o possível para escapar das divergências mais clamorosas, e evitou-se empregar o F, o L e o R que sugerem fonemas estranhos à fonologia tupi, assim como o K, o W e o Z.

A proximidade das comemorações dos quinhentos anos do descobrimento, e do primeiro contato com a população nativa da costa atlântica brasileira, é um estímulo a mais para a edição deste caderno. A rigor, ele é apenas um lembrete da necessidade — mais ainda, da obrigação — de reunir um grupo de especialistas para preparar o amplo dicionário enciclopédico das línguas indígenas, ainda inexistente e que tanta falta nos faz.

A

ABACATE — Os mexicanos têm a palavra *aguacate*, que o *Diccionario de Aztequismos*, de Cecilio Robelo, registra como de origem náhuatl: o étimo seria *ahuacatl*, “testículo”, devido à forma da fruta. Lê-se, às vezes, que teria a mesma origem de “abacaxi”: o tupi *ibá*, “fruta”, e *cati*, “que tem cheiro forte (agradável ou não)”.

ABACAXI — Como se disse acima, provém do tupi *ibá* e *cati*, “fruta cheirosa”.

ABAETÉ — Vem de *abá*, “homem, pessoa”, e *etê*, “real, grande”, e tem o sentido de “grande homem, pessoa ilustre”.

ABANHEENGA — Assim era conhecida a língua que chamamos habitualmente de “tupi antigo”.

ABGUAR — Grafado também Abeguar, é o nome masculino que aparece em *Ubirajara*, de José de Alencar, interpretado como “senhor do vôo”, mas cujo étimo poderia ser *guará* + *aba*, “canibal”.

AÇAI — Vem do tupi *yaçaí*, e o significado original poderia ser “fruta que chora”.

ACAJU — É o “mogno” americano, árvore da qual se extrai madeira avermelhada. A palavra chegou ao francês (*acajou*) como designação dessa cor.

ACIR — Como Aci, é uma forma abreviada de Moacir. A origem seria o tupi *muaciçara*, “aquele que fere”; para outros, *muaci*, “dolorido, magoado”.

ACRE — Nome do Estado e de um rio, afluente do Purus e subafluente do Amazonas, que se escrevia originalmente Aquiri ou Akiry. Segundo Teodoro Sampaio, “rio verde”.

AÇU — Ou *guaçu*, significa “grande” em tupi, e também é grafado, equivocadamente com “ss”.

AGUAPÉ — Vem de *auapé* e denota a folha de forma redonda.

AIMARÁ — Designa um dos povos indígenas da Bolívia e sua língua.

AIMORÉ — Designação de uma serra e de uma tribo tapuia. O étimo é controvertido.

AIPIM — É a mandioca doce.

AJURICABA — Espécie de abelha.

ALPACA — O nome desse camelídeo andino, menor do que a lhama, viria do quíchua *paca*, “avermelhado”.

AMAPÁ — Seria uma árvore da Guiana brasileira, podendo também significar “cerca” ou “contorno”. O nome teria origem caribe (cf. Levy Cardoso).

ANÁGUA — Vocábulo de provável origem aruaque.

ANANÁS — Procederia do tupi *naná*.

ANDARAÍ — O étimo desse topônimo seria “rio dos morcegos (*andirá* + *y*)”.

ANHANGÁ — Gonçalves Dias grafou assim *anhangá*, ou *anhã*, que significa “gênio, espírito”. Pode ser também “demônio”.

ANHANGABAÚ — Seria “rio dos espíritos” ou “rio do diabo”; o “u” final corresponde a *y*, “rio”.

ANHANGUERA — Apelido do bandeirante Bartolomeu Bueno (1672-1740), traduzido habitualmente como “diabo velho”.

ANHEMBI — Nome dado ao rio Tietê (com “y” final), no tempo das bandeiras. O significado original pode ter sido “rio abaixo” ou então “rio das perdi-
zes (*inhambu* + *y*)”.

ARACAJU — Significa “cajueiro das araras (*ara* + *acaju*)”.

ARAÇATUBA — Significa “araçazal”, lugar onde há muitos (*tyba*) pés de araçá.

ARACEMA — Ou Aracê, é o nome feminino que viria do tupi “aurora”: *ara* (dia) + *cema* (saída). V. IRACEMA.

ARACI — Nome feminino que aparece em José de Alencar interpretado como “estrela d’alva” (*apud* Guérios). Poderia ser “mãe” (*cy*) “do dia” (*ara*), ou significar “cigarra”. Cf. *coaraci*, “sol”.

ARACUNDÁ — Guérios registra como nome (masculino ?) procedente do tupi, com o significado “papagaio parrudo”.

ARAGUAGUÁ — Peixe-serra.

ARAGUAIA — Originalmente *araguary*. O étimo poderia ser “rio (y) do vale (*gua*) dos papagaios (*ará*)”.

ARAPONGA — *Uirá* ou *uyrá* é “ave”, e “pong” parece imitar a voz desse pássaro.

ARAPUCA — “Armadilha”. O étimo parece ser *arapug*, “estourar, cair com estrondo”.

ARAQUÉM — Personagem de José de Alencar, cujo nome poderia provir do tupi “papagaio (*ará*) dorminhoco (*quer*)”.

ARARA — Aumentativo de *ará*, o nome genérico para as aves da família do papagaio.

ARARAQUARA — Seria “toca (*cuara*) de araras.”

ARARIBÓIA — Etimologicamente, poderia ser “cobra que provoca o mau tempo”.

ARARUAMA — *Uama* é lugar onde se come ou bebe. Portanto, “comedouro (ou bebedouro) das araras.”

ARARUNA — Sobrenome, que viria de *ara* (arara) *una* (preta).

ARATANHA — “Bico de papagaio (*ará+tanha*)”. Diz-se também do nariz grande ou adunco.

ARATU — Este topônimo viria de uma espécie de caranguejo do litoral da Bahia. Há, contudo, outra interpretação do étimo, menos provável: “dia (*ara*) curto (*atu*).”

ARAXÁ — O étimo poderia significar “panorama”.

AZTECA — Palavra originária do náhuatl; *aztecatl* era originalmente o gentílico de *Aztlan*, nação do antigo México.

B

BABAÇU — Vem do tupi *uauaçú*.

BABAQUARA — Viria de *mbaebé*, “nada”, e *cuaá*, “saber”. Portanto, “aquele que não sabe nada”, um tolo.

BACURAU — O nome dessa ave vem do tupi *uacuraua*.

BACURI — O nome dessa fruta vem do tupi *uacuri*.

BAGÉ — Poderia ser uma corruptela de *pajé*, “feitiçeiro”.

BARTIRA — Segundo a tradição, assim se chamaria a mulher de João Ramalho, filha do cacique Tibiriçá, de Piratininga. Vem do tupi *potyra*, “flor”.

BATATA — Seria palavra de origem aruaque.

BAURU — O significado seria “lagoa escura”.

BEBERIBE — Poderia provir de *bebe*, “voar”, e *rype*, “sobre o rio”.

BEIJU — Vem de *mbeyu* e significaria “enrolado”. É um bolo de mandioca torrada.

BERTIOGA — Poderia provir de *byryty*, “pouca água”, e *yoga*, “retirar”.

BIBOCA — Significa “palhoça”. A palavra viria de *yby* e *oca*, “casa de barro”; há também a etimologia *yby* e *boca*, “abrir”, hipótese em que o significado do étimo seria “terra escavada”, portanto, o mesmo que “voçoroca”.

BIRA — Diminutivo de Ubiratã ou Ubirajara.

BIRIBÁ — O nome dessa fruta vem do tupi *mbiribá*. O termo “biriba”, com acento na segunda sílaba, denota um jogo de cartas e poderia derivar de *mbirib*, “curto, breve”. No Rio Grande do Sul, já foi apodo dos serranos e paulistas, sinônimo de “matuto” e também de “desconfiado”.

BOCAINA — O étimo poderia significar “lugar onde há fontes de água”: *bocá*, “irromper”, e *ynhã*, “fonte, ou jorro d’água”.

BOCAIUVA — De origem tupi, essa palavra designa uma espécie de palmeira.

BOITATÁ — Na mitologia indígena é um gênio. A palavra corresponde a *mbaetatá*, “coisa feita de fogo”, e se aplica também ao fogo-fátuo.

BOIÚNA — Do tupi *mboi*, “cobra”, e *una*, “preta”; é a “cobra grande” da mitologia indígena, que ataca os viajantes e vira suas canoas.

BOTUCATU — Esse topônimo deriva de *ybytu* + *catu*, “bons ares”, o mesmo significado do nome da capital argentina.

BURITI — Nome de uma palmeira. *Byryty* quer dizer em tupi “pouca água”. Será este o étimo ?

BUTANTÁ — Significaria “terra firme”.

C

CAATINGA — V. Catinga

CABOCLO — “Matuto”. O mais correto deveria ser “caboco”, pois a palavra vem de *caá* e *boc*, “o que vem do mato”.

CABROBÓ — Segundo Teodoro Sampaio, é um vocábulo da língua cariri, de Pernambuco, e significaria “guerra”.

CACAU — Termo de origem náhuatl: *cacahuatl*.

CACIQUE — De provável origem aruaque, o termo corresponde ao *tuxaua* ou *morubixaba* dos índios tupis e no Brasil passou a significar também “chefe político do interior”, gerando derivados, tal como “caciquismo”.

CAIÇARA — Cerca de madeira construída em torno das aldeias indígenas, como proteção contra o acesso de intrusos e ataque de inimigos. O étimo seria *caá*, “mato”, e *yçara*, “tronco”.

CAIPIRA — Provavelmente tem a mesma origem de “caipora”, com o significado original de “habitante da mata” (*caá* + *pora*). O dicionário Aurélio coleciona quase uma centena de sinônimos populares.

- CAIPORA** — Na mitologia indígena, é um gênio da mata que às vezes se confunde com o “saci”.
- CAIRU** — De *caá*, “mato”, e *iru*, “o que segue”. Portanto, “guia (da mata)”.
- CAJÁ** — O nome dessa fruta tem origem tupi, e o étimo seria *cã*, “caroço, osso”, e *ya*, “fruta”.
- CAJU** — O nome dessa fruta parece ser uma contração de *acanga*, “cabeça”, e *jubá*, “amarelo”. V. ACAJU.
- CAMBÁ** — Palavra guarani que significa “negro”. Assim eram chamados os soldados brasileiros de cor negra, durante a Guerra do Paraguai (1865-1870).
- CAMBOIM** — Sobrenome que Guérios dá como de origem tupi; é o nome de uma árvore.
- CAMBUQUIRA** — Viria de *caá*, “mato”, e *ambiquira*, “broto”, portanto, “folhas tenras, recém-brotadas”.
- CANIBAL** — Palavra de provável origem aruaque, introduzida no português pelo espanhol.
- CANOA** — De provável origem aruaque, esse vocábulo ficou registrado no diário de viagem de Cristóvão Colombo.
- CAPÃO** — “Ilha” de mato isolado no meio do campo. Vem de *caá+puã*, “mato redondo”.
- CAPENGA** — Palavra de possível origem indígena (o que não é o caso de “capanga”, originária do quimbundo).

- CAPIAU** — O mesmo que “caipira”, teria origem guarani, segundo o Aurélio, que registra uma forma feminina suspeita: “capioa”.
- CAPIM** — Vem do tupi *caá+pii*, “folha delgada”.
- CAPITU** — A etimologia proposta pouco lembra a personagem de Machado de Assis: *caapii*, “capim”, e *tu (g)*, “queimado”.
- CAPIVARA** — Derivada do tupi *caá+pii+uara*, com o significado de “comedor de capim”.
- CAPIVARI** — Seria “rio das capivaras” (y é rio).
- CAPIXABA** — Esse adjetivo, gentílico popular do Estado do Espírito Santo, teria sua origem no tupi *capixaua*, “roça”.
- CAPOEIRA** — *Caá* é “mato”, e *caapuera*, “mato extinto”, “mato que foi cortado”.
- CARÁ** — É de origem tupi o nome dessa raiz comestível. “Acará”, outra palavra indígena, designa uma grande variedade de peixes.
- CARAÍBA** — Segundo José de Anchieta (1534-1597), essa palavra queria dizer, originalmente, “coisa santa ou sobrenatural”, e com ela os índios passaram a chamar os portugueses “logo quando vieram, tendo-os por coisa grande, como do outro mundo, por virem de tão longe por cima das águas”. Adquiriu, assim, o significado de “branco, estrangeiro”.
- CARAMINGUÁ** — Na linguagem popular brasileira significa “dinheiro”. A origem é o guarani *carameguá*, “canastra, cofre”.

- CARAMURU** — Vem de *cara*, forma curta de *caraíba* (homem branco), e *murú*, “trovão”. Segundo outra interpretação, *caramuru* seria “enguia, salamandra”.
- CARIJÓ** — Diz-se da galinha pedrês, de penas salpicadas de branco e preto. Provém do tupi *cara+yo*, “o que procede ou deriva do branco”. Não confundir com “carnijó”, tribo de índios de Pernambuco que fala uma língua isolada, o iatê.
- CARIOCA** — Do tupi *cari+oca*, “casa de branco”.
- CARNAÚBA** — Do tupi *caranaiuíá*, “árvore do caraná”, ou “palmeira amarela” (de *yubá*, amarelo). Existe a variante “carnaíba”.
- CAROÁ** — O nome dessa bromeliácia, cuja fibra se tentou usar no Brasil como substituto do linho, é de origem tupi (*carauá*).
- CARURU** — O nome desse prato típico da Bahia, preparado com peixe, quiabo e camarão, parece ter origem africana, mas, segundo alguns, poderia provir do tupi *caru*, “comida”, e *ru*, “repleto, cheio”.
- CASIANA** — Corruptela tupi de “castelhano”.
- CATAPORA** — O nome dessa erupção cutânea, que também se diz “tatapora”, provém do tupi *tatá* (fogo) e *porá* (que irrompe).
- CATERETÊ** — Às vezes citada como de origem indígena, essa palavra é provavelmente africana. A dança “cateretê” é também conhecida como “catira”.

- CATETE** — Seria “mato grosso”, “mato autêntico”, de *caá* e *etê*.
- CATINGA** — Variante de “caatinga”, a vegetação típica do sertão nordestino. Significa “mato branco” ou “mato ralo”. No sentido de “fedor, mau cheiro”, a palavra parece ter origem africana.
- CATUMBI** — Viria de *caá*, “mato”, e *tumby*, “roxo”.
- CEARÁ** — José de Alencar nos dá “canto da jandaia”, interpretação fantasiosa.
- CECI** — Do étimo participa *cy*, “mãe”. Tem-se interpretado como “mãe do gênero humano”.
- CHICLETE** — A designação da goma de mascar é uma palavra náhuatl, *chictli* ou *tzictli*, que, usada como marca comercial, passou depois a ser um nome comum.
- CHOCOLATE** — Palavra de origem náhuatl, a língua dos antigos mexicanos, significa “água amarga”: o chocolate era, a princípio, tomado sem açúcar.
- CIPÓ** — Vem de *yhypó*, “planta trepadeira”.
- COCA** — Vem do quíchua *koka*.
- COLIBRI** — Viria de alguma língua do Caribe e pode ter chegado ao português pelo francês.
- COMBUCA** — “Vasilha”, vem de *cúi*, “cabaça”, e *mbuca*, “furada”.
- CONDOR** — Vem do quíchua *kuntur*.

COPACABANA — Este topônimo bem carioca tem uma história interessante. Às margens do lago Titicaca, na Bolívia, existe uma cidadezinha com este nome, e lá se encontra a igreja de Nossa Senhora de Copacabana. De origem quíchua, a palavra significa “mirante azul”. No século XVIII, uma reprodução da imagem dessa santa teria sido levada para o bairro de Sacopenapã, no Rio de Janeiro, que adotou o novo nome. Sacopenapã é tupi e significa “lugar onde se reúnem os pássaros socós”.

COROCA — Viria do tupi “rabujento”, do verbo *cororó*, “roncar”.

CORUMBÁ — Viria de *curu*, “seixo”, e *umbá*, “preto”.

CUBATÃO — Poderia provir de *cub*, “duradouro”, e *batã*, “madeira” (cf. Ubiratã).

CUIA — O fruto da cuieira. Por extensão, “cabaça”.

CUNHÃ — Significa em tupi “mulher” ou “fêmea”.

CUPIM — Procedente do tupi, essa palavra significaria “pernas curtas”.

CURARE — O Aurélio tenta resolver a dúvida sobre a origem controvertida dessa palavra afirmando que provém “do caribe continental, através do tupi amazonense”. Eis o que afirma, com pouca clareza, o verbete correspondente do *Dicionário* de Antenor Nascentes: “De uma língua americana. Segovia deriva do guarani *urari*. Tastevin dá *curari*, *hurari* no tupi amazonense. Larousse dá as formas *woorrara*, *vourary*, *ourary*, do dialeto galibi ou cariba. Lokotsch, *Amerikanische Wörter*, opina

que é contaminação do tupi *cururu*, “sapo”, e *urari*, “flecha envenenada” (das raízes *ur*, “chegar”, e *ar*, “cair” e o sufixo relativo *i*, propriamente “cai onde chega”).”

CURITIBA — De *cury*, “pinha”, e *tyba*, “muito”.

CURUÇÁ — Corruptela de “cruz”.

CURUMIM — Significa “menino”.

CURUPIRA — Na mitologia indígena é um ser fantástico, habitante da mata, que tem os pés com os calcanhares voltados para a frente e os dedos para trás.

CURURU — Essa palavra, de origem tupi, designa alguns sapos de grande porte.

CURUZU — Corruptela de “cruz”.

CUTIA — O nome desse roedor vem do tupi *acuti*.

CUTUCAR — Vem do verbo tupi *cutuc*, “espetar, beliscar”.

D

DISPARATES DA LÍNGUA BRAZÍLICA — Décimas de Gregório de Matos (1631-1696) rimando com palavras indígenas. O título completo é: *Disparates da Língua Brazílica a uma Cunhã, que ali Galanteava pro Vício*. Eis os versos: “Indo à caça de tatús/ encontrei Quatimondé/ na cova de um jacaré/ tragando treze teiús:/ eis que dois surucucus/ como dois jaratacacas/ vi vir atrás de umas pacas,/ e a não ser um preá/ creio, que o tamanduá/ não escapa às gebiracas.// De massa um tapiti,/ um cofo de surucus,/ dois puçás de baicus,/ samburá de murici:/ com uma raiz de aipi/ vos envio de passé, / e enfiando num imbé/ guiamu, e caiaganga,/ que são de jaracaracanga/ bagre, timbó, inhapupê,// Minha rica cumari,/ minha bela camboaté/ como assim de pirajá/ me desprezas tapiti:/ não vedes que murici/ sou desses olhos timbó/ amante mais que um cipó/ desprezado inhapupê,/ pois se eu fôra zabelê/ vos mandara um miraró.”

DORACI — Guérios dá como provável corruptela de Juraci (V.).

DUÍ — Corruptela do nome Luis.

E

EMBIRA — Designa um arbusto e a fibra dele extraída.

EMBOABA — Vem de *mbu* ou *pu*, “mão”, e *aba*, “pelo”. Portanto, “mão peluda”. Denominação dos bandeirantes paulistas.

ETÊ ou ETÉ — Tem os significados de “verdadeiro, autêntico”. Muito usado como sufixo, inclusive com sentido intensivo. Ex: “caeté, abaeté, jagua-retê, baturité”, etc.

F

Os primeiros colonizadores portugueses diziam que os indígenas do litoral brasileiro não conheciam lei, rei nem fé, porque não havia na sua língua o “l”, o “r” forte e o “f”.

FUBÁ — Palavra derivada do quimbundo e não do tupi, como às vezes se lê.

FURACÃO — Vocábulo de provável origem aruaque.



G

GAMBÁ — Vem do tupi *gã+ba*, “seio oco” (o gambá é um marsupial).

GAMBOA — Viria de *caá*, “mato”, e *mbó*, “feixe”.

GARAPA — Viria de *uarapa*.

GOIÁS — Seria “senhor (*jara*) do vale (*guá*)”.

GOIABA — Segundo A. Levy Cardoso, o nome dessa fruta teria origem aruaque.

GRAÚNA — Vem de *guirá*, “pássaro”, e *una*, “preto”.

GUAÍBA — Viria de *guai*, “enseada”, e *yba*, “árvore”.

GUABIROBA — Espécie de palmito amargo, usado na cozinha mineira e goiana. O “empadão goiano” é um dos pratos regionais que exigem a guabiroba.

GUANABARA — Topônimo e sobrenome. O étimo pode ser *gua*, “baía”, *nã*, “semelhante”, e *pará*, “mar”.

GUANO — É o fosfato de cálcio, excremento de aves marinhas, utilizado como adubo. Vem do quíchua *wanu*.

GUAPORÉ — O étimo significaria “o que se colhe na várzea”.

GUARACI — Forma alternativa de Coaraci.

GUARACIABA — Vem de *abá*, “cabelo” ou “raio”, e *coaraci*, “sol”. Pode significar “louro”.

GUARANÁ — Vem de *uaraná*.

GUARANHUS — Seria “campo (*nhu*) das garças (*guará*)”.

GUARANI — A palavra seria derivada de *guarinin*, “guerreiro”.

GUARUJÁ — O significado original seria “toca”, *ya*, dos *guarus*, nome de um peixe.

GURI — “Menino”, vem do guarani *quyry*, “pequeno”.

H

HÉVEA — Vocábulo de origem controversa, poderia provir do tupi.

IARA — Também grafado *yara* ou *jara*, significa “senhor, senhora”. *Yara* (*y+iara*) é “senhora das águas”.

IBIAPINA — Sobrenome. Vem de *ibi*, “terra”, e *apina*, “calvo, campo limpo”.

IBIRAPUERA — Este topônimo provém de *ybira*, “árvore”, e significa “árvore cortada ou derrubada”. Portanto: “campo limpo”.

IÇÁ — A formiga saúva fêmea, depois de fecundada. Do tupi *içaub*, “formiga mestra”.

IGAPÓ — Mata ribeirinha inundada. Vem do tupi *iapó*.

IGARAPÉ — Canal natural, estreito. Do tupi *iarapé*, “caminho de água”.

IGUAÇU — Significa “rio grande”.

INAIÁ — Nome de uma palmeira.

INCA — Palavra quíchua que denota tanto o membro do povo inca como o título dos seus soberanos.

INGÁ — Palavra de origem tupi que designa uma árvore e o seu fruto.

- IPÊ** — Palavra de origem tupi que designa a árvore também conhecida como “pau d’arco”, símbolo do Brasil.
- IPECACUANHA** — Também conhecida como “ipeca”, esta árvore tem um nome cujo étimo seria o tupi *ipegacuai*, ou seja, “pênis de pato” (!).
- IRACEMA** — Este belo nome feminino pode vir do tupi *cema*, “saída”, e *ira*, “mel”, geralmente interpretado como “enxame”. Lembremos a “virgem dos lábios de mel”, de José de Alencar. Há quem defenda tratar-se de anagrama de “América”; outros dizem que pode ser variante de Aracema (V.).
- IRACI** — Nome feminino, significaria “abelha”, de *ira*, “mel”, e *cy*, “mãe”.
- IRAJÁ** — “Fruta (*ya*) de mel (*irá*)”.
- IRAPIRANGA** — Significa “mel vermelho”. Outro nome para o rio Vaza-Barris.
- ITÁ** — Significa “pedra” em tupi e entra na composição de numerosas palavras, sobretudo topônimos: Itapuã, Itapicuru, Itaipava, Itajubá, Itabuna, Itajaí, Itaoca, Itanhangá, etc.
- ITAMARATI** — Designação do belo palácio da avenida Marechal Floriano, no centro do Rio de Janeiro, que sediou o Ministério das Relações Exteriores até sua transferência para Brasília (onde o “palácio dos arcos” recebeu também o nome de “palácio Itamaraty”). Significaria “pedra branca”. Como sabemos que *itá* é “pedra”, mas “branco” é *tinga*, cabe a explicação dada por Michaele: “usa-se o

adjetivo pleno *morotinga* ou *murutinga* na forma apocopada *murtim*, que, por influência de *itá*, se fez *maratí*".

ITAPORANGA — Topônimo que significa “pedra bonita”.

ITATIAIA — Seria “pedra afiada”.

ITIBERÊ — Nome, cujo étimo pode ser *y*, “rio”, *tibi* “sepultura”; ou então *y*, “rio”, *ti*, “claro”, e *ere*, “campo”.

ITU — Topônimo que significa “cachoeira”.

ITUPORANGA — Topônimo que significa “cachoeira bonita”.

J

JABORANDI — O nome desse arbusto é de origem tupi.

JABOTI — Vem de *yabuti*, “cágado”. É também grafado “jabuti”.

JABOTICABA — Segundo Michaele, viria de *yabuti*, “cágado” e *caba*, “gordura”. Aberta, a fruta lembraria a carne gorda do cágado. Para o Aurélio, a origem seria *iapoticaba*, “fruta em botão”, o que parece mais provável.

JABURU — Ave de grande porte, semelhante à cegonha. O nome vem do tupi *yaburu*. Uma variante é *tuiuiú*.

JAÇANÃ — Ave chamada pelos índigenas *nhahanã*.

JACARANDÁ — Nome de árvore e também sobrenome. Para o Aurélio, corresponde ao tupi *yacaratã*. Segundo T. Sampaio, o étimo seria *yaçã*, “cerne”, e *rantã*, “duro”.

JACAFÉ — Para Michaele significaria “aquele que olha de soslaio”.

JACAREPAGUÁ — “Lagoa dos jacarés”.

- JACI** — Significa “lua”.
- JACU** — Ave cujo nome vem do tupi.
- JAGUAR** — Vem do tupi *yauará*.
- JAGUARIBE** — Vem de *yauará*, “onça”, e *y-be*, “no rio”.
- JAGUATIRICA** — Vem do tupi *yauatirica*.
- JANDAIA** — Palavra de origem tupi que designa uma ave, menor que o papagaio.
- JANDIRA** — Em tupi, *yandaira* é uma espécie de abelha. Será esta a origem do nome Jandira?
- JARARACA** — Esta palavra tem origem no tupi *yara-raca*.
- JATAÍ** — O étimo seria *ibá*, “árvore”, *yá*, “fruto” e *atã*, “duro”.
- JATOBÁ** — Nome de árvore, também conhecida como *jatai*, de origem tupi.
- JIRAU** — Significa “varanda”, um estrado suspenso sobre estacas. Vem do tupi *yirau*.
- JUCÁ** — Sobrenome cujo étimo seria o tupi para “matador”. Não confundir com Juca, apelido de José.
- JUÇARA** — Designação de uma palmeira, significa “espinhento”.
- JURACI** — Nome que Guérios interpreta como “mardrepérola”, de *cy*, “mãe” e *jura*, “concha”.

JURANDIR — Nome de uma personagem de José de Alencar. Guérios interpreta como “crista ou cascão em volta do ninho da abelha”.

JURECÊ— Nome cujo étimo seria *iuru*, “boca”, e *ce*, “doce”, ou seja, “afável, amável”.

JUREMA — Este nome vem da designação de uma planta de cuja casca se prepara um narcótico.

JURITI — Designação de diversas espécies de pombas.

JURURU — Vem de *iuru*, “boca”, e *rui*, “calada”, e significa “triste, taciturno”.

L

LENGA-LENGA — Parece provir do tupi *nheenga-nheenga*, “conversa”.

LHAMA — A palavra é quíchua.

LOURO — Segundo A. Levy Cardoso, como sinônimo de “papagaio”, o termo teria origem caribe.

M

MAIRA — Designação dos franceses, em tupi antigo. Segundo José de Anchieta, para os índios era originalmente uma figura mítica maligna — o contrário de Sumé (V.).

MAIZENA — Palavra derivada do espanhol *maiz*, “milho”, que por sua vez provém do aruaque.

MALOCA — Segundo o Aurélio, o termo vem do araucano *malocan*, que significaria “ser hostil”: “depois da pacificação dos pampas, o termo passou a designar “aldeia de índios”.

MANDU — De acordo com Guérios, seria “forma tupinizada de Manuel”. Para o Aurélio, é “um tipo de carnaval de rua” e viria do tupi *mandu*.

MANIÇOBA — Vem do tupi *manihob* e denota uma árvore da qual se extrai látex, semelhante ao da seringueira, e também um prato da cozinha regional, à base de mandioca.

MANTIQUEIRA — O significado original parece ser “serra das nascentes” ou “serra chuvosa”.

MANGARATIBA — É o lugar onde há muitos mangarás. Para o Aurélio, “mangará”, também de origem

tupi, é “ponta terminal da inflorescência da banana-neira”.

MARACÁ — Significa “chocalho”. Do tupi *mbaracá*. No Caribe de língua espanhola diz-se *maraca* para designar “chocalho”.

MARACUJÁ — Palavra de origem tupi: *mborucuyá*.

MARAJÓ — Seria *pará*, “mar”, e *ayó*, “bolsão, baía”.

MARAMBAIA — De *pará*, “mar”, e *mbai*, “cerca”; portanto, “contorno do mar”.

MARANHÃO — De *pará*, “mar”, e *nhã*, “correnteza”.

MARAPENDI — Viria de *pará+pindy*, “águas limpas”.

MATE — Seria palavra de origem quíchua, proveniente de *mati*.

MBARIÁ — Corruptela do nome Maria.

MBORÓ — Corruptela do nome Ambrósio.

MICO — Significa “macaco de pequeno porte”, e, segundo A. Levy Cardoso, é de origem caribe.

MOACIR — Também Moaci, é nome masculino que poderia corresponder a *muaci*, “dolorido, magoado”.

MOCOTÓ — “Articulação”. É a “mão-de-vaca”, a pata do animal preparada para o consumo.

MOEMA — Nome próprio de origem tupi.

MOQUECA — Significa “embrulho”, e é também o peixe assado envolto (embrulhado) em folhas.

MINGAU — Poderia provir do verbo *myngab*, “esmagar”.

MINHOCA — A origem deste vocábulo é controversa. Para alguns, seria africana; para outros, como Teodoro Sampaio, seria uma corruptela do tupi *mi+nhoca*, “o que é extraído”; neste caso, extraído da terra.

MIRIM — Em tupi, significa “pequeno”.

MIXO — O mesmo que “mixe”; poderia provir do guarani *mixi*, “pequeno, pouco”.

MOGNO — Para o Aurélio, essa palavra tem origem “em uma língua indígena da América do Norte”.

MORINGA — Ao que parece provém do quíchua *pu-runca*.

MORUBIXABA — É o chefe temporal da tribo.
V. TUXAUA.

MOSSORÓ — Este topônimo significa “escavação na terra”.

MUCAMA — Designava a escrava que servia aos donos como ama de leite. Poderia provir do tupi *camby*, “leite”.

MUIRAQUITÁ — Na Amazônia, é um amuleto feito de pedra semipreciosa. Essa palavra tupi nos lembra Macunaíma.

MUTIRÃO — Trabalho cooperativo. Vem de *mbotyrõ*, “pôr mãos à obra”.

N

NHEENGATU — Nome que designa o tupi moderno, vem do verbo *nheeng*, “falar”.

NITERÓI — Etimologicamente, “lugar de águas mornas”: *ni*, “não”, e *yroy*, “água fria”.



OEIRAS — Vem do tupi *uera*, que significa “velho, extinto”.

P

PACA — O nome desse animal viria de forma verbal, significando “agitado”.

PACAEMBU — Seria *paca yembu*, “arroio das pacas”, nas palavras de Theodoro Sampaio, “rio temporário de pacas”.

PACOBÁ — “Banana”. V. PACOVA.

PAJÉ — Vem do tupi *payé*. É o feiticeiro, o líder espiritual da tribo.

PAMONHA — Vem do tupi *pamunã*.

PAMPA — Essa palavra, que designa uma região da Argentina, teria origem quíchua, com o significado de “campo, planície”.

PANEMA — Significa “infeliz, desastrado”. O topônimo Ipanema vem de *y*, “água”, e *panema*.

PANGARÉ — Significa “cavalo de má qualidade” e teria origem guarani.

PANCIKU — Corruptela do nome Francisco.

PAPAIA — Palavra a princípio desconhecida no Brasil, passou a ser usada para designar uma espécie de mamão.

- PAQUEQUER** — Significaria “toca das pacas”.
- PARÁ** — Significa “mar” ou “rio”. Também *mbará*, *bará*.
- PARACATU** — Poderia ser “cheiro (bom ou mau) de mar”.
- PARAGUAÇU** — “Rio grande”.
- PARAGUAI** — Corresponde a “rio dos papagaios”.
- PARÁIBA** — Vem de *pará+ahiba*, “rio pouco navegável”. Paraibuna é a mesma palavra, acrescida de *una*, “preto”.
- PARAMOPAMA** — Etimologicamente, corresponderia a “mar bravo”.
- PARANÁ** — O mesmo que *pará*, “mar”.
- PARANAGUÁ** — Teria o sentido original de “enseada”.
- PARANAPIACABA** — Lugar (*abá*) de onde se vê (*epi-acá*) o mar (*paraná*).
- PARU** — Corresponde ao nome Paulo.
- PEABIRU** — Trilha do século XVI que, partindo da atual Cananéia, atravessava o Paraná, o Paraguai e a Bolívia, alcançando o oceano Pacífico no Sul do Peru.
- PEQUI** — Palavra de origem tupi.
- PEREBA** — Significa “ferida pequena”.
- PEREQUETÉ** — Designa o tamanco usado em algumas tribos, feito, geralmente, de caule da palmeira

buriti. Seu uso denota elegância, daí o sentido de “elegante” com que a palavra é usada. Também se diz “prequeté”.

PEREIRA — Nenhuma relação com a palavra portuguesa. *Pyrera* é “casca”. Assim, “pau-pereira” é a casca de certas árvores, usada como medicamento.

PERERECA — Pequena rã. Vem do tupi *perereq*, “saltar”.

PERI — Nome que vem de *piry*, “junco”.

PERNAMBUCO — Segundo Teodoro Sampaio, os índios caetés, da Capitania de Duarte Coelho, chamavam assim o local onde está hoje a cidade de Recife, com o significado de “boca do mar”.

PERÓ — O correspondente tupi do nome próprio Pedro. Por extensão, “português”.

PEROBA — Vem de *ypé*, “casca”, e *roba*, “amargo”, “de gosto ruim”.

PETECA — A palavra que designa o jogo vem do verbo tupi que significa “bater”.

PIÁ — Significa “filho”.

PIAÇABA — Ou “piaçava”, é palavra tupi.

PINDAÍBA — Pindá é “anzol”. O brasileirismo “pindaíba”, que significa “penúria”, pode ter como origem *pindá ahiba*, “anzol ruim”.

PINDAMONHANGABA — Significa o lugar onde se fazem anzóis.

PINDOBA — É o nome genérico para “palmeira”.

PINDORAMA — “Terra das palmeiras”, é um dos nomes com que se diz que os indígenas encontrados por Cabral denominavam o país.

PINIMBA — Ou “pinima”, significa “birra, implicância”. Palavra de origem tupi.

PIPOCA — Vem de *pira*, “casca”, e *poca*, “estourar”.

PIRACEMA — É “cardume” de peixes, ou a época da desova, em que algumas espécies sobem os rios. O elemento principal é *pira*, “peixe”.

PIRAÍ — Vem de *pira+y*, “rio de (muito) peixe”.

PIRÃO — A papa de farinha de mandioca.

PIRAPORA — Pode significar “peixe saltador” ou “toca de peixe”.

PIROCA — Na linguagem chula é “pênis”, e significa também “calvo, careca”, como o seu étimo tupi.

PIROGA — Diz-se da canoa indígena. Segundo alguns, viria do tupi *yb*, “árvore”, e *pir*, “casca”. Para A. Levy Cardoso, no entanto, é vocábulo de origem caribe, introduzido no português pelo espanhol.

PITANGA — Significa “vermelho”, como a fruta que tem esse nome.

PITU — O nome dessa espécie de camarão vem do tupi, e, segundo o Aurélio, o étimo significaria “casca escura”.

PIXAIM — Diz-se do cabelo encarapinhado. Vem de *apixai*, “crespo”.

POROROCA — Vem do verbo tupi que significa “trovejar, fazer um estrondo”.

POTIGUAR — O significado é “comedor de camarões”. *Poti* é “camarão”: vale lembrar o índio Poti, das lutas contra os holandeses no Nordeste.

PUMA — Palavra de origem quíchua, que designa a suçuarana ou onça-parda.

PUNGA — Vem do tupi *pung*, “ferida”, e significa “coisa ordinária, inferior”.

PY — Pronuncia-se esta palavra tupi quase como “pé” em português, que é o seu significado.

Q

QUINA — Provém do quíchua *quinaquina*.

R

RORÊ — Corruptela tupi de Lourenço.

RORI — Corruptela tupi de Rodrigo.

S

SABARÁ — Ou Tabará, seria forma contracta de *itá berá*, “pedra brilhante”, ou *eçá berá*, “olhos brilhantes”. Designação de algumas pedras preciosas e semipreciosas.

SABIÁ — O nome desse pássaro é de origem tupi.

SACANGA — Palavra de origem tupi que significa “galho de árvore”, especialmente quando usado como acendalha.

SACI — Figura da mitologia indígena, também conhecido como saci-pererê ou saci-sererê.

SAGÜI — Espécie de macaco pequeno. Do tupi *sauí*. Há também a forma “sagüim”.

SAMAMBAIA — Etimologicamente, significaria “tecido feito de cordas”.

SAMBAQUI — Vem do tupi *tabaki*. Termo arqueológico que designa depósito de conchas, com esqueletos e fragmentos de cerâmica deixados por tribos muito antigas. O mesmo que *sernambi*.

SAPÉ — Variedade de capim usado para cobrir choças. Há a variante “sapê”.

SAPECA — De origem tupi: o verbo que significa “chamuscar”. “Sapeçar” é namorar, divertir-se, vadiar. Uma “moça sapeca” é namoradeira.

SAPOTI — Esta palavra nos chegou do México: *zapote*, do náhuatl *tzapotl*; Antenor Nascentes registra que no Larousse *sapotille* é dado como de origem indiana.

SAPUCAIA — Esta palavra tupi designa uma árvore, sua madeira e o fruto.

SARARÁ — Diz-se da mulher ruiva, especialmente a que tem cabelos crespos.

SAÚVA — O nome dessa espécie de formiga vem do tupi *içá*, “formiga”.

SAVANA — Palavra de provável origem aruaque, que designa um tipo de planície da zona tropical, com longa estação seca e vegetação característica.

SERÁ — Essa forma dubitativa do verbo “ser” convergiu com a partícula *será* ou *serã*, que em tupi marca a interrogação.

SERNAMBI — Também grafado com “c” inicial. V. SAMBAQUI.

SICU — Variante de Pansicu, corruptela tupi do nome Francisco.

SOROCABA — V. VOÇOROCA.

SUMÉ — Para José de Anchieta, essa figura mítica dos índios, de caráter benfazejo, “deve ser o apóstolo S. Tomé, e este dizem que lhes fazia boas obras, mas não se lembram em particular de nada”.

SURUBIM — O nome desse peixe teria como étimo as palavras que significam “mergulhador profundo”.

T

TABA — Significa “aldeia”. A palavra vem de *taua*.

TABACO — Palavra de provável origem aruaque.

TABAJARA — Sobrenome de origem tupi: *taua*, “aldeia”, e *iara*, “senhor”.

TABARÉU — Vem de *taba* e significa “aldeão”, o habitante da *taba*.

TACACÁ — Segundo o Aurélio, essa palavra, que designa o mingau de goma de tapioca do Norte do Brasil, teria origem caribe.

TACAPE — Designação, em tupi, da maça ou porrete, usado pelos indígenas.

TAMANDUÁ — Vem de *içá*, “formiga”, e *monduá*, “caçar”: o “animal que caça formigas”.

TAMBAQUI — Nome de um peixe.

TAMOIO — Designação das tribos que habitavam parte do território do atual Estado do Rio de Janeiro e se aliaram aos franceses contra os portugueses. A palavra significaria originalmente “avô”.

- TANAJURA** — Do tupi *tanaiurá*. Designa a fêmea fecundada, prenhe de ovos, da formiga saúva.
- TAPERÁ** — Significa, literalmente, “aldeia extinta”, isto é, a ruína de uma aldeia (ou de uma choça).
- TAPIOCA** — Vem do tupi *tipiog*, “sedimento”. É a fécula alimentícia extraída da mandioca.
- TAPIR** — O mesmo que “anta”.
- TAPUIA** — Ou “tapuio”. Designação genérica dada pelos tupis às tribos inimigas.
- TAQUARA** — Significa “bambu”, que também se diz *taboca*.
- TATU** — Viria do tupi *tã*, “duro”, e *tyba*, “muito” referência à carapaça desse animal.
- TEFÉ** — Sobrenome de origem tupi. O “f” (inexistente nessa língua) se explicaria por ser a palavra, possivelmente, uma corruptela de *tapy*, “fundo”.
- TIBIRIÇÁ** — Sobrenome de origem tupi. Vem de *reçá*, “vigia”, e *tyby*, “terra”.
- TIETÊ** — Topônimo de origem tupi, cujo étimo seria uma espécie de pássaro ou então as palavras *y*, “rio”, e *etê*, “genuíno”.
- TINGA** — Significa “branco” em tupi, palavra muito usada como sufixo. Ex: tabatinga, jacutinga, caatinga, etc.
- TIPÓIA** — Poderia provir do tupi *tipoi*.
- TIRIRICA** — É uma planta rasteira, cujo nome vem do tupi *tytyric*, “arrastar-se”. Segundo Valle, “ficar ti-

ririca”, no sentido de “irritar-se” com alguma coisa, poder vir de *piririca*, “ficar trêmulo”.

TOCA — “Esconderijo, covil”. Poderia derivar do tupi *toc*, verbo que significa “cobrir, tapar”. Em português temos alguns cognatos: “tocaia”, “tocaiar”, “entocar”.

TOCANTINS — Esse topônimo vem do nome de uma tribo e significa “nariz de tucano”, *tucã+tym*.

TOMATE — Palavra de origem mexicana”, vem do náhuatl *tomatl*.

TORÓ — contração de *toc* e *ró*, “coberta grossa”. Diz-se da chuva forte, espessa como uma cobertura.

TOTEM — Símbolo de uma tribo, o totem — que pode ser um animal, vegetal ou um objeto qualquer — é cercado por tabus e inspira cultos. Também se diz “tótome”. O Aurélio registra a origem algonquiana da palavra.

TUCANO — Pode ter vindo do tupi *tu+cã*, “bico de osso”, ou de *tu+quã*, “bico exagerado”.

TUPI — Ou *tupy*. O vocábulo poderia provir de *tuba*, “pai”, e *ypy*, “origem”.

TUPINAMBÁ — Do tupy *anamba*, significa “semelhante aos tupis”.

TUPINIQUIM — Do tupy, *anamba*, “semelhante, parente”, e *acã*, “ramo, galho”.

TURUNA — Significa “bravo, valente”.

TUXAUA — O chefe temporal da tribo. V. MORUBIXABA.

U

UBERABA — Topônimo que significa “água cristalina” (*y+beraba*).

UBIRATĀ — Vem do tupi *ubirá*, “tacape”, e *atã*, “duro”.

URUBU — Significa “ave preta”.

URUCUBACA— Significa “má sorte, infelicidade”, e também “sarna”. A origem poderia ser *urucum*, “vermelhão”, e *baka*, “tornar-se”.

URUCUM — Ou “urucu”, é o fruto do urucuzeiro ou a tinta de cor vermelha intensa dele extraída.

V

VOÇOROCA — O solo escavado pela erosão das águas. Vem de *yby+soroca*, “chão rachado”.
O mesmo étimo teria gerado Sorocaba.

VICUNHA — A origem é quíchua: *huikunha*.



X

XARÁ — Vem de *xe-rerá-á*, “tirado do meu nome”.

XAXIM — É uma planta fibrosa, e a palavra passou a designar a trança de fibras vegetais usada para plantar algumas flores e plantas ornamentais. Teodoro Sampaio escreve “xanchim”, “chanchim” ou “çamci”.

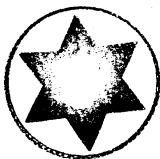
Y

Y-JUCA-PYRAMA — Nesse poema, Gonçalves Dias apresenta como cenário os índios timbira (da família lingüística jê ou tapuia) e foi criticado por usar vocabulário tupi ao descrever o ritual da morte do prisioneiro baseando-se na narrativa clássica de Hans Staden (1557), referente aos tupi-nambás.

Bibliografia consultada

- AYROSA, Plínio. *Estudos tupinológicos*. S.Paulo, USP-IEB, 1967.
- BARBOSA, Padre A. Lemos. *Curso de tupi antigo*. Rio de Janeiro, São José, 1956.
- BARRETO, Lima. *O triste fim de Policarpo Quaresma*. 1916.
- CARDOSO, Armando Levy. *Amerigenismos*. Rio de Janeiro, Bibl. do Exército, 1961.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Histórico das Palavras Portuguesas de Origem Tupi*. São Paulo, Ed. Melhoramentos, 1976.
- DIAS, Antônio Gonçalves. *Dicionário da Língua Tupi*. Leipzig, F. A. Brockhaus, 1858 (reproduzida em fac-símile na edição Aguilar das obras do autor).
- EDELWEISS, Frederico. *Tupis e guaranis: estudos de etnonímia e lingüística*. Salvador, 1947.
- FERNANDES, Aducto. *Gramática tupi (histórica, comparada e expositiva)*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Coelho Branco, 1960.
- GUASCH, Padre Antonio Guasch, S. I. *El Idioma Guaraní*, 2ª ed., Buenos Aires, 1948.
- GUASCH, Padre Antonio Guasch, S. I. *Diccionario Guaraní Castellano y Castellano Guaraní*, 3ª ed., Buenos Aires, 1948.

- GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. *Dicionário Etimológico de Nomes e Sobrenomes*, 3ª ed. S. Paulo, Ave Maria, 1979.
- MAGALHÃES, General Couto de. *O selvagem*. S. Paulo, Cia. Editora Nacional, 1935.
- MATTOSO CÂMARA JR., J. *Introdução às línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro, 1965.
- MENDES, Armando. *Vocabulário amazônico*. S. Paulo, 1942.
- MICHAELE, Faris Antônio S. *Tupi e grego*. Ponta Grossa, Univ. Estadual, 1973.
- NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, 1932.
- PINTO, Pedro A. *Brasileirismos e supostos brasileirismos de "Os Sertões" de Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro, ed. do Autor, 1931.
- ROBELO, Cecilio A. *Diccionario de Aztequismos*. 3ª ed., México, Fuente Cultura, s/data.
- SAMPAIO, Theodoro. *O tupi na geografia nacional*, 2ª ed., S. Paulo, 1914.
- SANTOS, Dauray da Silveira. *Toponímia indigenista no "Os Sertões" de Euclides da Cunha*. Recife, Ed. Universitária, 1983.
- SILVA, J. Romão da. *Denominações indígenas na toponímia carioca*. Rio de Janeiro, Brasiliana, 1966.
- VALLE, Quintino do. *Da influência do tupi no português* (tese). Rio de Janeiro, ed. part., 1926.



Impressão e Acabamento:

QUICK
PRINTER
IMPRESSOS RÁPIDOS

SETOR DE INDÚSTRIAS GRÁFICAS - Q. 02 - Nº 460 - "PARTE A" - CEP 70.610-400
BRASÍLIA-DF - FONES (061) 343-1300 / 343-1706 / 343-1778 - FAX: (061) 343-1495

Sérgio Bath, diplomata e tradutor, publicou mais de uma dezena de livros de poemas, além de estudos sobre diplomacia e obras de prosa em geral, no Brasil e no exterior.

Como tradutor, verteu para o português obras de Raymond Aron, Maquiavel, Carlos Fuentes, J. Bronowski e preparou para a Editora UnB a seleção, a tradução e a apresentação dos textos de Arthashastra, o Maquiavel da Índia, que viveu no quarto século antes de Cristo. Sérgio Bath é colaborador da revista *Humanidades*, publicada pela Editora UnB.

Prometeu é filho de Jápeto e Clímene e é um Titã, portanto, primo de Zeus.

Segundo uma tradição que não consta da *Teogonia*, de Hesíodo, Prometeu é o criador dos homens que usou como matéria-prima o limo da terra.

Na *Teogonia*, Prometeu não criou os homens, mas é seu protetor. Por ter sido enganado pelo Titã, Zeus privou os humanos do fogo – simbologia da inteligência – e, mais uma vez, o filantropo salvou-os, ao roubar uma centelha do fogo celeste – que era privilégio dos olímpicos –, trazendo-a à Terra, reanimando os mortais.

A Série Prometeu publicará, sob a égide do Titã, obras afetas às ciências humanas.



ISBN 85-230-0504-8



9 788523 005047

Código EDU 153770